

GÊNERO E EDUCAÇÃO NA NARRATIVA POPULISTA: O PERÍODO DE 2018 A 2022 NO BRASIL

EDUCATION AND GENDER IN THE POPULIST NARRATIVE: THE PERIOD FROM 2018 TO 2022 IN BRAZIL

EDUCACIÓN Y GÉNERO EN LA NARRATIVA POPULISTA: EL PERÍODO DE 2018 A 2022 EM BRASIL

 Diego de Lima Santos Silva¹

 Paula Almeida de Castro²

 Ana Raquel Pereira de Ataíde³

1. Licenciatura em Pedagogia, Doutorado em Ensino de Ciências e Educação Matemática (PPGCEM). UEPB. E-mail: diegoli542@gmail.com
2. Psicologia, Doutorado em Educação. UEPB. E-mail: paulacastro@servidor.uepb.edu.br
3. Licenciatura em Física, Doutorado em História, Filosofia e Ensino de Ciências. UEPB. E-mail: raquelataide@servidor.uepb.edu.br

RESUMO: O discurso populista e ultranacionalista no Brasil, no período entre os anos de 2018 e 2022 é analisado, neste artigo, na perspectiva de gênero e educação. Foram analisados pronunciamentos do ex-presidente e as implicações para as relações de gênero envolvendo as relações entre os sujeitos sociais e as políticas públicas educacionais, a partir da Base Nacional Comum Curricular. Utilizou como abordagem metodológica a análise de narrativas, dos referenciais teóricos e de documentos oficiais. De alguma forma, ocorreu um esforço de docentes e discentes por manter o caráter laico das instituições educacionais, visando a inclusão e acolhimento, uma vez que este foi deixado de lado em função de um discurso neoliberalista, que visa afastar o potencial transformador da sociedade pela educação com formação cidadã. Embora a cortina de fumaça produzida pela extrema-direita deseje ofuscar os grupos minoritários dentro da educação, a luta está travada contra a imposição de uma educação em moldes tradicionalistas, continuamos a luta para que nossa voz seja reverberada, para esclarecer equívocos e construir oportunidades almejando novos percursos educativos, para que a escola palco da diversidade humana caminhe, livre, democrática e laica.

ABSTRACT: The populist and ultranationalist discourse in Brazil, between 2018 and 2022, is analyzed in this article from the perspective of gender and education. Pronouncements of the former president and the implications for gender relations involving relations between social subjects and educational public policies were analyzed, based on the National Common Curricular Base. As a methodological approach, it used the analysis of narratives, theoretical references and official documents. Somehow, there was an effort by teachers and students to maintain the secular character of educational institutions, aiming at inclusion and reception, since this was left aside due to a neoliberalist discourse, which aims to remove the transforming potential of society through education with citizenship formation. Although the smokescreen produced by the extreme right wants to overshadow minority groups within education, the fight is waged against the imposition of an education in traditionalist molds, we continue the fight for our voice to reverberate, to clear up misconceptions and build opportunities aiming at new educational paths, so that the school stage of human diversity walks free, democratic and secular.

RESUMEN: El discurso populista y ultranacionalista en Brasil, entre 2018 y 2022, es analizado en este artículo desde la perspectiva de género y educación. Se analizaron los pronunciamentos del expresidente y las implicaciones para las relaciones de género que involucran las relaciones entre los sujetos sociales y las políticas públicas educativas, a partir de la Base Curricular Común Nacional. Como abordaje metodológico, utilizó el análisis de narrativas, referentes teóricos y documentos oficiales. De alguna manera, hubo un esfuerzo de docentes y estudiantes por mantener el carácter laico de las instituciones educativas, apuntando a la inclusión y la acogida, ya que esto quedó de lado debido a un discurso neoliberal, que pretende quitar el potencial transformador de la sociedad a través de la educación con formación ciudadana. Si bien la cortina de humo que produce la extrema derecha quiere ensombrecer a los grupos minoritarios dentro de la educación, la lucha se libra contra la imposición de una educación en moldes tradicionalistas, seguimos la lucha para que nuestra voz resuene, para despejar equívocos y construir oportunidades que apunten a nuevos caminos educativos, para que camine la etapa escolar de la diversidad humana, libre, democrática y laica.

Palavras-chave: Gênero; Populista; Educação; Mídia.

Keywords: Gender; Populist; Education; Media.

Palabras-clave: Género; Populista; Educación; Medios de comunicación.

Recebido em: 09/02/2026

Aprovado em: 14/03/2026



Todo o conteúdo deste periódico está licenciado com uma licença Creative Commons (CC BY-NC-ND 4.0 Internacional), exceto onde está indicado o contrário.

Introdução

Tentei não contrariá-lo. Não queria correr o risco de ser ameaçado por uma @ ou um .com (Da Empoli, 2021, p. 43).

Em 28 de outubro de 2018, o povo brasileiro recebeu o resultado da eleição de Jair Bolsonaro como Presidente da República com 55% dos votos válidos. Antes da efetivação do resultado, entre agosto e outubro de 2018, o discurso populista e ultranacionalista tomou conta das redes sociais e aplicativos de mensagens, trazendo ao centro das discussões políticas a prática descompromissada com a verdade, bem como algumas ideias de governo baseado nas premissas das “*Fake News*”. Tais premissas visaram levantar questionamentos de dúvidas e incertezas contra as informações divulgadas por canais reconhecidos e comprometidos com fontes seguras de notícias. Além disso, as instituições, em geral, mais detidamente as educacionais, tornaram-se alvo de críticas levantando suspeitas sobre a legitimidade dos sujeitos que compunham. Há agenda para as políticas públicas, cedeu espaço para criação de discursos baseados na insatisfação de um povo que clamava por mudanças, especialmente, por alguém que fosse representá-los contra as elites e a corrupção.

A sociedade observou incrédula o crescimento do favoritismo de um candidato nunca pensado como possível de ser eleito. O véu da pretensa aceitação da nossa diversidade, como povo brasileiro, é substituído por palavras e comportamentos que não estavam preocupados com o sentido das mesmas, mas em transparecer a ‘pessoa de verdade’ em conexão com os indignados e dispostos a lutar pelo seu país. A fórmula (europeia e estadunidense) está, então, recriada nos trópicos brasileiros, como bem explicou Da Empoli (2021) “o populismo é o filho do casamento entre a cólera e os algoritmos”.

Bem longe de se resumir ao aspecto anedótico, essa colaboração tem consequências consideráveis no plano geopolítico, e já modificou os contornos do ciberespaço, pelo desenvolvimento de uma cadeia global de pessoas capazes de conduzir operações de desinformação de um canto a outro do planeta. Além do mais, gera relações e trocas de experiências que permitem aos nacional-populistas replicar, por diversos países, os modelos de campanhas mais eficazes (Da Empoli, 2021, p. 39).

Os robôs, os *twittes*, a propagação de “*Fake News*”¹, a criação de narrativas contra negros, indígenas, diversidade, feminismo, família, dentre outras tantas, irão tomar o lugar da ciência, das publicações e das instituições reconhecidas em seu papel transformador da sociedade para desqualificá-los em função do “engajamento” (?). Como salienta Da Empoli (2021) “essa maneira consiste em chamar as massas a cooperar para defender a honra e a estabilidade da sociedade civilizada” (p. 33). Com base em algoritmos, engajamentos e postagens polêmicas (sem compromisso com fontes e fatos confiáveis) o Brasil elegeu o improvável. Por toda a sua incredulidade se fortaleceu nos discursos religiosos, de ódio, de preconceito, de misoginia e de aversão aos poderes legislativo e judiciário, bem como das instituições social e educacional, alcançando os *trending topics* que conduziram o Brasil pelos 4 anos seguintes.

Com as liberdades individuais questionadas, restou-nos, na condição de docentes, buscar reestabelecer as diretrizes educacionais nos processos de ensino e aprendizagem, ainda que vivendo sob a mira do referencial “escola sem partido”. É neste contexto, que este artigo buscou discutir as relações de

¹ De origem inglesa, a expressão *fake news* designa conteúdos que circulam, sobretudo em ambientes digitais, apresentados como se fossem informações verdadeiras. Em geral, tais materiais são produzidos e disseminados de forma intencional por indivíduos ou grupos que divulgam mensagens falsas, imprecisas ou retiradas de seu contexto original. Esse tipo de prática busca influenciar percepções, orientar interpretações e, em muitos casos, manipular a opinião pública.

Gênero e Educação, tendo como referencial o discurso ultranacionalista contra os sujeitos sociais, fortalecendo a ideia da ‘família tradicional’, do binarismo de gênero e misoginia.

Nesse contexto marcado pela consolidação de determinados padrões, propõe-se refletir sobre o conservadorismo, compreendido, no âmbito desta análise, como uma postura que se opõe, de maneira regressiva, a direitos previamente estabelecidos. Nessa perspectiva, observa-se que tal posicionamento tende a mobilizar discursos que, por meio do diálogo, buscam questionar, distorcer ou desconsiderar valores, decisões e transformações sociais.

Adotou-se, para o desenvolvimento deste estudo, uma abordagem metodológica de natureza qualitativa. Conforme assinala Flick (2004, p. 37), “a pesquisa qualitativa dirige-se à análise de casos concretos em suas peculiaridades locais e temporais, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais”. Tal abordagem permite compreender fenômenos sociais a partir das experiências e significados construídos pelos sujeitos em seus próprios contextos. Nesse sentido, por meio de levantamento bibliográfico, leituras analíticas e discussões teóricas, procedeu-se à análise de narrativas do ex-presidente Jair Bolsonaro, no período delimitado entre 2018 a 2022. Essas narrativas foram examinadas em diálogo com referenciais teóricos e documentos oficiais, tomando como eixo investigativo as relações entre gênero e educação no interior de discursos de caráter populista.

A construção de narrativas como estratégia de poder

A linguagem, utilizada pelos sujeitos sociais para se manifestarem sobre diferentes assuntos, pode beneficiar determinado grupo em detrimento dos outros, quando utilizada de forma arrevesada. As palavras se revestem da intencionalidade para conduzir, através da oratória, práticas e comportamentos de um sem-número de sujeitos. Na atualidade, essas palavras ganham o espaço midiático, promovendo engajamento e difusão incontrolável. O Brasil, entre 2018 e 2022, ouviu vários discursos problemáticos advindos do então Presidente Bolsonaro (não que tenha se limitado a esse recorte temporal). Atentemo-nos aqui para algumas de suas opiniões expressas publicamente, a respeito da comunidade LGBTQIA+ e das mulheres, buscando encontrar em autores da antropologia, sociologia e psicologia, um possível respaldo para entendimento, que nos esclareça a quem interessa/ou essa forma de comunicação, utilizada pelo anterior Presidente do Brasil.

Para interpretarmos o poder da fala perante o outro, Foucault (1979, p. 12) explica que: “discursos de verdade” da sociedade, por meio de sua linguagem, comportamento e valores, são relações constituídas de poder e, portanto, aprisionam os sujeitos. Em consonância com essa propositura Blackburn (1997, p. 301) afirma que, o poder é a capacidade de se mobilizar forças econômicas, sociais ou políticas para obter certo resultado (...)” assim, a força da narrativa de um Presidente atinge níveis inimagináveis de alcance, devido sua representatividade no país de origem e no mundo. A retórica quando misógina, heterofóbica, preconceituosa, impacta diretamente aqueles que ouvem essas declamações e compactuando do mesmo sentimento as internalizam como sendo uma verdadeira, tal feito é entendido como problemático para alguém que jurou perante a constituição a primazia pelo estado democrático de direito.

Durante um evento de caráter religioso, em Imperatriz (MA), Bolsonaro, afirmou¹: “O que nós queremos é que o Joãozinho seja Joãozinho a vida toda. A Mariazinha seja Maria a vida toda, que constituam família, que seu caráter não seja deturpado em sala de aula”.

¹ NEXO JORNAL. *Bolsonaro volta a atacar população LGBTI+ em evento no MA*. Publicado em 14 jul. 2022. Disponível em: <https://www.nexojournal.com.br/extra/2022/07/14/bolsonaro-volta-a-atacar-populacao-lgbti-em-evento-no-ma>. Acesso em 11 ago, 2025.

A concepção binária de gênero, como padrão da sociedade, é exposta em sua fala de maneira equivocada, nota-se que a imposição de ser Maria a vida toda, é contrário aos estudos da antropologia sociocultural referente a gênero, “não se nasce mulher, torna-se mulher” (Beauvoir, 2019). O que é tomado como verdade no discurso é uma imposição de conceitos enraizados pelo conservadorismo que durante todo o percurso de existência humana entende as pessoas como seres não passíveis de transformações, porém o ser humano em si é um ser em constante modificação, seja ela cultural, identitária, religiosa ou de gênero. Conforme afirma Bauman (2005, p. 19), as “identidades” flutuam no ar, algumas de nossas próprias escolhas, mas outras infladas e lançadas pelas pessoas em nossa volta, e é preciso estar em alerta constante para defender as primeiras em relação às últimas”.

Neste sentido, visando estabelecer cada vez mais vínculos com seus seguidores, Bolsonaro usou do seu poder de fala, para reverberar por inúmeras vezes sua ideologia contrária às transformações de Gênero que dialogam sobre as concepções padronizadas dos corpos e das existências, cada sujeito é livre para construir sua própria identidade, nesse sentido interpreta-se que o referido aceita apenas uma moldura estática, pois segundo seu discurso, aquele que durante seu percurso de vida reconfigurar-se assumindo um novo corpo, diferente do que lhe foi imposto socialmente neste caso (menino ou menina) estaria assim se corrompendo. Esse ardil traz para a sociedade um peso difícil de ser carregado, pois abrange uma ideia única de gênero, desconsiderando a inúmeras concepções sobre os modos de ser e viver.

Ao analisarmos, por exemplo, o modo como esse discurso repercutiu nas escolas, nas quais a diversidade se desdobra, nos vemos diante de um cenário de complexa dificuldade para o trabalho com a pluralidade, dado a multiplicidade de corpos e performances ali existentes. Neste sentido, associar a mudança corporal, de modo a entendê-la como fator para deturpação do caráter, cria-se um mal-estar em torno do real sentido da vida em sociedade: o exercício das liberdades individuais. Faz-se necessário refletir que existe todo um contexto para com aqueles que decidem adequar-se a novas formas de existir, não sendo responsabilidade, portanto de qualquer membro do poder político intervir ou não, apenas estimular o respeito construindo práticas integradoras de acolhimento às diferenças.

Em entrevista ao Jornal El País, no ano de 2014, naquela época o Deputado, Bolsonaro, afirmou que: “Os gays não são semideuses”; “A maioria é fruto do consumo de drogas”². Essa associação entre gays e consumo de drogas, além de preconceituosa, não coincide com os dados da pesquisa realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)³. O levantamento trazido pela Fiocruz apontou que pessoas do sexo masculino definidos como homens, são, em sua maior totalidade, os que mais utilizaram drogas naquele momento. Vale destacar que a pesquisa não apresenta dados sobre uso de drogas por gays, neste sentido pode-se entender que os entrevistados que se auto identificaram como homens, não se identificam como gays, o que torna difícil definir se os gays seriam os maiores usuários, conforme a fala do presidente.

Nesta mesma linha, Da Empoli (2021) cita a fala de Yiannopoulos (homossexual) que declarou jamais trabalhar com homossexuais por serem estes usuários de drogas, terem relações sexuais em excesso, além de nunca irem trabalhar com constantes invenções de desculpas e completou “são quase piores que as mulheres” (p. 108-109). Sobre as lésbicas, o mesmo Yiannopoulos afirmou que “a homossexualidade

² EL PAÍS Brasil. “Os gays não são semideuses. A maioria é fruto do consumo de drogas” – Jair Bolsonaro: entrevista ao El País Brasil, São Paulo, 14 fev. 2014. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/02/14/politica/1392402426_093148.html. Acesso em 11 ago, 2025.

³ Dados sobre o uso Drogas ilícitas apresentado no ano de 2015: Os resultados revelam, por exemplo, que 3,2% dos brasileiros usaram substâncias ilícitas nos 12 meses anteriores à pesquisa, o que equivale a 4,9 milhões de pessoas. Esse percentual é muito maior entre os homens: 5% (entre as mulheres fica em 1,5%). Disponível em: FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ – Fiocruz. *Pesquisa revela dados sobre o consumo de drogas no Brasil*. Agência Fiocruz, 08 de agosto de 2019. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pesquisa-revela-dados-sobre-o-consumo-de-drogas-no-brasil>. Acesso em 11 ago, 2025.

feminina não existe geneticamente” (p. 109). De onde partem tais afirmações? Como não possuem compromisso com fatos, pesquisas, dados e, principalmente, a verdade, elas são ditas e, quando convém são refutadas pelos mesmos que as criaram e propagaram.

Dessa maneira, sem uma explanação mais aprofundada não se pode impregnar juízo de valor ou utilizar de seu poder de discurso para associar uma pessoa gay ao consumo de drogas, diante disso, cria-se um ambiente fértil para o preconceito que em nada contribui para o livre estado democrático.

Em 2019, o então Presidente Bolsonaro, em uma de suas aparições públicas, teceu críticas a uma campanha do Banco do Brasil focada na diversidade, discursando durante um café com jornalistas afirmou: “O Brasil não pode ser um país do mundo gay, de turismo gay”⁴. Observa-se que, em seu dialeto o termo gay, torna-se um produto para propagação da homofobia, mostrando dessa forma sua aversão à pauta.

Na seção subsequente, examina-se de que maneira o uso da religião serviu de amparo à construção de discursos de caráter homofóbico e misógino. Reflete-se sobre como interpretações equivocadas dos textos bíblicos podem suscitar entendimentos divergentes que, por vezes, distanciam-se de sua finalidade precípua, convertendo-se em ferramentas de opressão em detrimento de seu potencial emancipador.

O uso da religiosidade e a intensificação dos discursos homofóbicos e misóginos

As aparições do ex-presidente em reuniões religiosas, tornaram-se oportunidades para declarações de cunho pejorativo referente a diversidade de Gênero. Existe um certo consenso entre algumas comunidades religiosas conservadoras de que a diversidade de Gênero que engloba LGBTQIA+ e o Feminismo, são valores contrários aos princípios do cristianismo, porém, já existem no Brasil várias igrejas Cristãs inclusivas, que acolhem fiéis que foram excluídos das igrejas tidas como tradicionais. Os estudos histórico-antropológicos, discutem sobre o machismo estrutural, e nos mostram que parte dos que divulgam o evangelho comungam do pensamento onde as mulheres devem assemelhar-se aos ideais do antigo testamento, no qual muitas não tinham direitos por exemplo de receber heranças. Caso ficassem viúvas não ficavam com o patrimônio do marido que era destinado a um irmão ou membro mais próximo da família do homem. Assim, as mulheres deveriam ser submissas aos maridos, e em reuniões religiosas, não poderiam falar, devendo permanecerem caladas, dentre outras posturas recomendadas.

Nesta perspectiva, foi reforçado o lugar da família patriarcal brasileira (ou a família tradicional) que, desde a constituição do império de 1824 e, até hoje, toma-se como verdade absoluta. Mesmo com estudiosos da área da Teologia, propondo uma releitura, mostrando uma nova época e um novo modelo de Sociedade, o discurso do ex-presidente Bolsonaro não se assemelha a isso, durante a participação em um evento religioso, com o tema “Deus, pátria e família”, Manaus (AM), ele reafirma seu discurso:

Imagem, repito, se o outro lado tivesse chegado à presidência da República. O que eles pensam, o que eles fazem e fizeram com certos setores da sociedade. Como eram os livros didáticos? (...) O que é ideologia de gênero? Quiseram o tempo todo liberar as drogas, aborto. A família qualquer juntamento de duas pessoas... de dois seres vivos passou a ser uma família. E a família está definida na Bíblia. Não tem emenda na Bíblia. E está definido

⁴ CORREIO BRAZILIENSE. *Bolsonaro critica turismo gay e proíbe vídeo de banco sobre diversidade*. Correio Braziliense, 25 abr. 2019. Disponível em: https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/04/25/interna_politica,751603/bolsonaro-critica-turismo-gay-proibe-video-de-banco-sobre-diversidade.shtml. Acesso em 20, ago 2025.

na Constituição também. Na Constituição, diz que é homem e mulher. Se não me engano está no artigo 236 *[sic]*.⁵

Entretanto, no Art. 236 da Constituição Federal temos a seguinte redação:

Art. 236. Os serviços notariais e de registro são exercidos em caráter privado, por delegação do Poder Público. (Regulamento)

§ 1º Lei regulará as atividades, disciplinará a responsabilidade civil e criminal dos notários, dos oficiais de registro e de seus prepostos, e definirá a fiscalização de seus atos pelo Poder Judiciário.

§ 2º Lei federal estabelecerá normas gerais para fixação de emolumentos relativos aos atos praticados pelos serviços notariais e de registro.

§ 3º O ingresso na atividade notarial e de registro depende de concurso público de provas e títulos, não se permitindo que qualquer serventia fique vaga, sem abertura de concurso de provimento ou de remoção, por mais de seis meses.

Quem, em meio à multidão iria procurar as informações referentes ao artigo 236 ou mesmo se atentar à veracidade contida naquele discurso, proferido no dia 27 de outubro de 2021? A essa altura, ele já abarcava uma multidão de seguidores que replicavam, *retwittes* e faziam circular suas “verdades”.

Bolsonaro ancora-se em um discurso estratégico, que visa agradar o público autointitulado conservador. Enquanto liderou o país, seus pronunciamentos trouxeram à tona um cenário de desrespeito e concepções equivocadas, contribuindo para o aumento da intolerância existente. Segundo Pondé (2011), foram inúmeras as transformações que aconteceram no seio da família, da igreja e da sociedade em geral. Em última análise, o tema homossexualidade, possivelmente é um dos mais utilizados no discurso preconceituoso, bem como pelos “seguidores” do ex-presidente. Para além destes, existe uma outra parcela da sociedade, que, inserida na horda do pretensão conservadorismo, se descrevem como mantenedoras dos valores da tradicional família brasileira e, portanto, contrárias à homossexualidade.

De alguma forma, os sujeitos alteraram suas visões de mundo e, com isso passam a aceitar as novas configurações de família, gênero e sexualidade, que vem sendo estudadas, bem como novos rumos para o entendimento dessas mudanças estão sendo alcançados, através da evolução das ciências, das culturas e das interações sociais. Com isso, são produzidos novos olhares para essas pessoas “diferentes”, sabendo que suas maneiras de viver não comprometem a evolução dos “iguais”, antes, cada ser humano é livre para ser o que é. Porém, a utilização do poder como forma de controle social, visando o favor de uns em detrimentos de outros quebra o princípio que o mesmo Presidente jurou honrar em seu mandato: “todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza, garantindo-se aos brasileiros e aos estrangeiros residentes no País a inviolabilidade do direito à vida, à liberdade, à igualdade, à segurança e à propriedade⁶”. Neste sentido, como estamos em um país democrático, esperava-se que em seu mandato a diversidade tivesse sido reconhecida, estimulada, respeitada e os direitos desses milhares de cidadãos preservados pelos detentores do Governo do Estado.

⁵ PODER360. *Bolsonaro defende família formada por “homem e mulher” em evento com evangélicos*. 27 out. 2021. Disponível em: <https://www.poder360.com.br/brasil/bolsonaro-defende-familia-formada-por-homem-e-mulher-em-evento-com-evangelicos/>. Acesso em 05 out, 2025.

⁶ BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil, de 05.10.1988. Brasília, 1988. Disponível em: <https://www.stf.jus.br/arquivo/cms/legislacaoconstituicao/anexo/cf.pdf>

Por outro lado, observamos que a força da figura masculina em cargos de liderança e poder é muito bem aceita nas comunidades religiosas. As mulheres, em algumas denominações, não podem esboçar ou explanar as palavras contidas na Bíblia. Ainda há em algumas congregações, a divisão para homem e mulher nos assentos das reuniões, geralmente homens de um lado e mulheres do outro. Acrescido a isto, o entendimento que vigora é o de que o homem é aquele ser de autoridade familiar e a mulher a pessoa de submissão e dos afazeres do lar. Esses conceitos são amplamente difundidos por religiosos que introduzem a ideia de subversão para aquelas que se desviam deste modal.

Muitas mulheres, quando não coadunam com as orientações, podem ser excluídas do rol de membros daquela comunidade, assim a religião também carrega consigo uma visão tradicionalista dos fatos, e não faz uma releitura dos tempos modernos em que estamos inseridos, preferindo ficar com concepções equivocadas sobre esses e muitos outros aspectos. Durante seu mandato, o ex-presidente também se dirigiu às mulheres de maneira áspera, em tom de inferiorização. Seu discurso seguiu o machismo patriarcal desconsiderando o sexo oposto como sujeitas livres, independentes e com a possibilidade de crescimento e transformação, enxergando-as apenas como pessoas para reprodução da espécie e atividades domésticas.

Analisemos a seguinte frase do ex-presidente: “*Quem quiser vir aqui fazer sexo com uma mulher, fique à vontade*”⁷. Esse discurso, além de estigmatizar a imagem das mulheres do Brasil perante o mundo, faz uma associação do país como uma localidade destinada a prática sexual com corpos femininos. Tal discurso reverberou, mais uma vez, o preconceito existente além de promover a perturbação da moral. Em outro momento, Bolsonaro afirmou: “*ela queria, ela queria um furo. Ela queria dar o furo [risada geral] a qualquer preço contra mim*”⁸. Em tom de sarcasmo Bolsonaro atribui à jornalista Patrícia Campos, que tinha por objetivo fornecer a notícia à imprensa em primeira mão, um viés erótico, devido sua atuação.

A reação da sociedade civil contra a declaração de Bolsonaro foi evidenciada e, muitas mulheres, posicionaram-se repudiando o comentário. Por outro lado, vários de seus seguidores coadunaram com a maneira com que a jornalista foi tratada, o que evidencia que há pessoas que se sentem representadas por esse discurso machista e opressor. Os efeitos adversos dessas falácias são sentidos a longo prazo com efeitos devastadores, tanto para aqueles que são alvos desse discurso sem fundamento, quanto para construção de uma sociedade cada vez mais intolerante e machista.

Dentre tantas falas que poderiam ser analisadas uma destaca-se quando o ex-presidente inferioriza um próprio membro de sua família, em visita à sede do Clube Hebraica, no Rio de Janeiro (RJ), em 2017, na época o então Deputado Bolsonaro, durante sua fala, comentou sobre a construção de sua família, apontando quê: “*Foram quatro homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher*”⁹. A fala soou muito mal, pois fazia uma associação da fraqueza quando se nasce uma filha mulher, o desconforto causado pela fala gerou um mal estar e muitas críticas na mídia.

Ao atentarmos para a definição de fraquejada, seu significado diz: Flexão de fraquejar. 1. Que perdeu o vigor, a força; debilitou-se, enfraqueceu-se, fraquejou. 2. Perdeu a coragem, o ânimo;

⁷ BRASIL DE FATO. *Apologia de Bolsonaro à exploração sexual de brasileiras é repudiada nacionalmente*. São Paulo, 30 abr. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/04/30/apologia-de-bolsonaro-a-exploracao-sexual-de-brasileiras-e-repudiada-nacionalmente/>. Acesso em 05 out, 2025.

⁸ JOTA. *Jair Bolsonaro é condenado a indenizar jornalista Patrícia Campos Mello*. Jota, 27 mar. 2021. Disponível em: <https://www.jota.info/coberturas-especiais/liberdade-expressao/jair-bolsonaro-e-condenado-a-indenizar-jornalista-patricia-campos-mello>. Acesso em 05 out, 2025.

⁹ FÓRUM. *Bolsonaro: “Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher”*. Revista Fórum, São Paulo, 5 abr. 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/politica/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher/> Acesso em 05 out, 2025.

desencorajou-se, fraqueou. Observe que o próprio Bolsonaro, atribui a si um comportamento de debilidade, ao ter auxiliado na geração de uma criança do sexo feminino. A forma de tratamento para com as mulheres, em tom de inferiorização, mostrou-se preocupante, visto que, as mulheres são parte da história do nosso país, não sabemos até onde as marcas deixadas por esses discursos afetarão tantas outras mulheres, por parte daqueles que visam nestes discursos um alento para seus egos inflamados e sus mentes repletas de misoginia. Diante disso, cada vez mais, mulheres estão se organizando coletivamente para constituir um discurso fortalecedor das suas identidades e não simplesmente conformar-se e dobrar-se perante esses discursos de atraso que inviabiliza sua emancipação como pessoas livres de direitos.

Adiante, retoma-se o episódio alusivo ao bicentenário da independência do Brasil, ocasião em que os pronunciamentos oficiais se distanciaram da liturgia esperada para a solenidade. Em substituição ao tom protocolar, verificou-se a abertura de espaço para retóricas de cunho erótico, evidenciando uma centralidade conferida à virilidade masculina. Tal postura sobrepôs-se à civilidade e ao decoro exigidos pela relevância do marco histórico em questão.

Um Sete de Setembro indecifrável

Desde a emancipação política do país em 1822, o dia 7 de setembro figura no calendário nacional como o feriado que se comemora o evento com desfiles cívicos e militares e outras apresentações que dão visibilidade ao evento que abriga o maior acontecimento da história política do país. É um dia extremamente importante na memória coletiva do povo, visto por muitos historiadores como sendo o seu marco de fundação. Sendo o ano de 2022 o bicentenário da independência, durante todo o ano as instituições e sociedade civil promoveu debates, conferências e estudos variados sobre o tema, sendo o dia 7 aguardado por todos por um momento cívico da maior importância onde se discutem os temas mais atuais e mais importantes do país.

O momento mais inesperado pelo povo no momento das comemorações do 7 de setembro foi marcado por um discurso atípico para um chefe da nação, quando em aparição pública fugiu aos rituais da efeméride, pronunciando palavreado avesso a conotação da celebração cívica, confuso e desconectado com a realidade, realçando a prepotência da masculinidade tóxica ante a multidão.

“*Imbrochável, Imbrochável, Imbrochável...*”¹¹ (ouve-se o coro na multidão). Sendo o ano de 2022 um ano eleitoral, o então chefe da nação, que pleiteava novamente a cadeira do palácio do planalto, tornou-se o protagonista dessa cena histórica que certamente irá figurar na memória dos brasileiros, o local, o momento, as pessoas que estavam reunidas para um ato de civilidade foram surpreendidas com uma dialética que enfatizava a força de um homem no ato sexual. O tipo de linguagem usada no coral iniciado pelo então Presidente, tomou o lugar no qual o discurso da Liberdade, da Democracia e do Estado de Direito, que deveria estar em evidência. Reverbera-se, mais uma vez, uma virilidade utópica que passou a integrar a sociedade, incutindo a ideia do ser “imbrochável”, como um fator biologicamente impossível e como “marca registrada do poder masculino”. Saffioti (1987, p. 24) descreve que, [...] a presença ativa do machismo comprometeu negativamente o resultado das lutas pela democracia, pois se alcançou, no máximo, uma democracia pela metade.

¹¹ MORATELLI, Valmir. *No dia do 'Independência ou morte', Bolsonaro dá grito de 'imbrochável'*. VEJA, 7 set. 2022. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/no-dia-do-independencia-ou-morte-bolsonaro-da-grito-de-imbrochavel/>. Acesso em: 09 fev. 2026. Acesso em 08 out, 2025.

Quando se retira o discurso democrático, substituindo-o por falas de cunho a enaltecer a sexualidade masculina, por si só, já mostra-se uma enorme abismo sendo criado, isso dar-se também pela construção dos estereótipos de Gênero ao longo das épocas, nisso Weeks (2001, p. 57) afirma que: até o século XVIII, “[...] o modelo hierárquico, mas de sexo único, certamente interpretava o corpo feminino como uma versão inferior e invertida do masculino”, porém, apesar disso, a sociedade daquela época “[...] enfatizava, não obstante, a importância do papel do feminino no prazer sexual, especialmente no processo da reprodução”.

A virilidade masculina é colega íntima do fascismo, e precisa ser exposta como maneira de evitar abuso as mulheres, pois, quando se há limitação crítica reflexiva desses modos de expressão, homens tendem a utilizar referências ao seu membro sexual como objeto de poder. Quando um homem se define como “imbrochável”, o maior medo deste é a perda de sua força sexual, logo, precisa reverberar esses discursos como forma de ser enaltificado. Essa virilidade masculina por vezes vem atrelada a ideia distorcida da mulher apenas como objeto de prazer.

Assim, diante destes pronunciamentos, fica cada vez mais evidente a segregação que é posta na sociedade, repercutindo através da ideia de superioridade de um grupo (homens) sobre outro (mulheres). Sobre tal segregação, Minayo (2005) salienta que

[...] a concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero (p. 23-24).

Diante disso, emerge cada vez mais a necessidade de uma conscientização coletiva, acerca da mulher e de sua força, não sendo essa submissa a discursos opressores, mas antes, devam ser valorizadas e reconhecidas, por tanto que fizeram e fazem em prol de nosso país. Para o dia mais importante do Brasil, 7 de setembro, vale salientar que não foi um ser “imbrochável” que proclamou a Independência, mais sim a princesa Leopoldina, casada com D. Pedro I, que assinou a Declaração de Independência do Brasil em 1822. Vale destacar teria sido mais válido desatacar a participação da mulher na independência, assim como tantas outras conquistas por mulheres no país, porém esse dia brilhante não reluziu tanto, mas, foi ofuscado por uma utopia de uma virilidade inalcançável.

Posteriormente, examinam-se os rumos das políticas educacionais brasileiras naquele período, em meio a estratégias de distração discursiva que buscavam obscurecer as adversidades enfrentadas. Tais táticas serviam como anteparo à introdução de propostas que rompiam com os padrões de qualidade e as garantias fundamentais estabelecidas pelo ordenamento constitucional vigente.

Com tantos discursos “cortina de fumaça”, por onde caminhou a Educação?

A gestão do ex-presidente Bolsonaro no concernente à educação, foi marcada por escândalos entre seus ministros, ideologias conservadoras, escola sem partido, escolas cívico-militares, *homeschooling*, reforma no ensino médio, além dos problemas com as instituições de ensino superior, para além desses fatos, a pandemia do Sars-Cov-19 agravou o cenário educacional, deixando uma lacuna aberta na alfabetização de milhões de crianças pelo país, pandemia esta que reverberou também toda desigualdade social existente, e o negacionismo com a ciência por parte de vários políticos da extrema-direita.

Nesse cenário desolador para educação, os rumos em quê inseriram o Ensino Médio são assustadores para não dizer trágicos. A última etapa da Educação Básica, que prepara o aluno para o mercado de trabalho e futuros egressos em instituições de ensino superior, passou por uma série de reformas, visando implementação da nova proposta de aprendizagem pensada para o século XXI, que garantisse entre outros aspectos maior tempo de permanência do educando na escola, mas, essa proposta está contida em uma grande antítese estrutural, pois, ao mesmo tempo aumenta o quantitativos de horas, limita o acesso a conteúdos essenciais tais como: artes, filosofia, sociologia, história, etc., esse “novo modelo” que enfatiza maior tempo de permanência na instituição, não implica em ampliação de oportunidades didático-pedagógicas que visem a formação de um sujeito emancipado.

O Ensino Médio no Brasil durante a gestão do ex-presidente Bolsonaro, influenciada pelo neoliberalismo sofreu inúmeros ataques, a todo custo objetivou-se a modificação do currículo de modo a transformá-lo no modelo de ensino mais técnico possível. Mas, o que estava por trás de tudo isso? Para respondermos essa pergunta, precisamos pensar como as forças capitalistas se organizam em prol da redução dos direitos dos grupos minoritários, dentre eles o direito básico a educação de qualidade, e como a exclusão dessa garantia educacional fortalece ainda mais a burguesia dominante.

Talvez, estejamos revivendo aquilo que antes fora dito por Darcy Ribeiro: “*A crise da educação no Brasil não é uma crise: é projeto*”. O problema em si, reside na forma em que a educação foi pensada no embrião, e como ela vem sendo desenvolvida. Desde sua gênese a escola foi organizada para atender uma classe dominante, essa mesma elite sentiu-se ameaçada quando os grupos minoritários começaram a utilizar do mesmo espaço para aprender, refletir e questionar. Desde o período de colonização com a chegada dos jesuítas o modelo de ensino oferecido aos indígenas nas aldeias era o mais simplista possível, incluindo castigos físicos com forma de “aculturar” os nativos, enquanto isso, havia a expansão de uma ampla rede Colégios Jesuítas muito bem estruturado por várias partes do Brasil, onde os filhos dos grandes senhores estudavam. Nesta época já existia a proposta de formação bilíngue, pois era necessária para que os filhos dos grandes burgueses pudessem ir estudar em outros países.

Atualmente, esse movimento do bilinguismo ocorre novamente no Brasil, há escolas particulares que cobram mensalidades acima de cinco mil reais e oferecem o modelo bilíngue com a mesma intenção de antes, ofertar uma educação de excelência para os filhos das elites, visando que estes possam ir estudar em universidades de renome fora do país, enquanto isso na educação pública parte das escolas durante a pandemia não receberam merenda¹², durante a pandemia havia sido aprovado que a merenda escolar, fosse sua entrega fosse destinada as famílias dos educandos, no intuito que estas tivessem o mínimo de segurança alimentar, porém não foi isso que ocorreu em sua totalidade.

A repetição da história, onde os ricos se sobressaem e os pobres têm seus direitos retirados, nos confirma mais uma vez o que Paulo Freire já elucidava:

Tanto mais pobre seja uma nação, e mais baixos os padrões de vida das classes inferiores, maior será a pressão dos estratos superiores sobre elas, então consideradas desprezíveis, inatamente inferiores, na forma de uma casta de nenhum valor (Freire, 1967, p. 86).

O projeto elitista sempre quis deter o controle do sistema educacional, pois, quanto menos acesso os grupos minoritários tiverem a escola, mais fácil será o controle sobre eles. A falta de acesso à formação básica faz com que essas pessoas sejam enxergadas como seres ignorantes, e que estejam a depender de

¹² MORAES, Georgia. Pesquisa aponta que 30% dos alunos da rede pública não receberam merenda escolar durante a pandemia. Brasília. 25 de outubro de 2021. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/noticias/820583-pesquisa-aponta-que-30-dos-alunos-da-rede-publica-nao-receberam-merenda-escolar-durante-a-pandemia/>. Acesso em 10 out, 2025.

oportunidades de mão de obra barata para obter o sustento de vida, além de estarem expostas às condições precárias e, em muitas das vezes, em trabalho análogo à escravidão. Essas marcas de desigualdade foram construídas por mãos de homens, héteros, brancos, conservadores, que enxergavam na educação para as minorias um perigo eminente para oligarquia, o que não difere muito pouco para o momento atual. Em suma: o quadro é o mesmo, o que se modificou foi a moldura! Além desses desafios estruturais, outro ponto diz respeito ao currículo da educação brasileira. Este sempre foi alvo de embates políticos, em especial das pautas que trazem discussões que contradizem os costumes conservadores.

Vale lembrar a atuação do ex-presidente da câmara dos Deputados Eduardo Cunha, que autorizou abertura do processo de *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff. Processo esse considerado desastroso que deixou lacunas no cenário educacional, e abriu caminho para a (re)modificação do currículo comum que estava em curso de construção, sendo modificado, retirando mais uma vez pautas relacionadas às minorias. Dentre os embates contraditórios entre Dilma e Eduardo no campo da educação, estava a reivindicação da comunidade LGBTQIA+, pela inclusão temática de gênero e sexualidade na base curricular.

Após a saída da Presidenta Dilma e com a posse do Presidente Temer, surgiram inúmeros movimentos da bancada política conservadora, que mobilizaram forças e as mídias, até conseguirem a exclusão das temáticas nos currículos da Educação Básica, ficando evidente mais uma vez a força do conservadorismo que limita o acesso à informação, prevalecendo assim uma educação conservadora, religiosa e tradicional, apática aos assuntos de cunho subjetivo das classes menos favorecidas.

Posteriormente, com a eleição de Bolsonaro em 2018, intensificou-se ainda mais o cenário dessas constantes incertezas no concernente às discussões de gênero na educação, essa pauta, motivo de aversão do governo Bolsonaro, e de seus apoiadores que enxergavam os movimentos feministas e de gênero como algo “desnecessário”, contra os “valores da família”, “pervertidos” essas concepções e esse desinteresse nesses estudos, foram herdadas da época da presidência de Michel Temer, porém, tiveram seu apogeu com a eleição de Bolsonaro.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC), no início de sua formulação foi pensada por meio de um governo de esquerda, e sua organização bebia da fonte dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), um conjunto de orientações curriculares bem estruturada com teor visionário dado ao tempo em que foi construído, os PCNs oportunizavam as discussões de gênero em sala através dos temas transversais, que contribuíam de maneira singular para entendimento desses pontos essenciais a vida do educando, e sua maneira de se enxergar a si mesmo e perante o outro.

A BNCC embora m sua gênese foi pensada a partir de uma perspectiva inovadora, traz em u constructo marcas tradicionalismo, a ideia da BNCC como currículo único não é algo atual, pois já fora pensado por João Comenius (2015) em seu livro *Didáctica Magna*. A dificuldade da BNCC esbarra-se quando se propõe uma educação democrática, mas, ao mesmo tempo, apresenta marcas em sua tessitura de uma ideologia marcada pelo patriarcado masculino heteronormativo, que inibe o aparecimento de determinados conteúdos, a exemplo as discussões de gênero.

Diante das várias concepções de gênero presentes na escola, o multiculturalismo, e outros temas o professor na atualidade precisa encontrar meios para discutir esses assuntos que se colocam como urgentes no chão da escola. Mas, como fazer isso frente a um currículo que conduz a repressão? Não temos respostas prontas, mas fortalecer discussões na escola, sobre gênero, feminismo, povos originários, já é um primeiro passo que favorece a construção da democracia em todas as fases e segmentos da educação, na intenção de construir saberes que contemplem não só as necessidades sociais, mas, que também consideres as pessoas livres, como sujeitos de possibilidades com seus direitos garantidos por lei existirem em suas diferenças.

O cenário poderá mudar? De fato, a partir da posse do terceiro mandato do Presidente Lula, em 2023, esses questionamentos sobre gênero também possam ser repensados na Base, assim como também possa haver uma análise mais profunda sobre o Novo Ensino Médio (NEM), que antes mesmo de ser implantado já apresenta falhas estruturais.

Uma das dificuldades a ser enfrentada na atual gestão do governo Lula (2023-2026), reside em (re)organizar o projeto do NEM, que aponta em sua propositura uma “renovação” para o atual ensino médio que já vem sendo alvo de inúmeros debates, dado a precariedade formativa que oferece. O NEM utiliza de um novo método de aprendizagem que se baseia em itinerários formativos, porém sua implantação em esfera nacional até o momento não se consolidou, dado a falta de recursos que há para implementação da proposta, além de outros agravantes tais como: falta de profissionais e estrutura física. Precisamos destacar que a implantação do NEM, não assegura uma educação de qualidade, além dos possíveis retrocessos que esse “novo” ensino pode trazer a longo prazo. Cabe a nós enquanto pesquisadores da educação e os demais envolvidos estarmos unidos em prol dessas e outras lutas que visem melhorias para instituição educacional. Assim, não objetivamos encerrar essa discussão aqui, antes, provocá-la em novos lugares, para que outros possam vir e somar a essas causas e a tantas outras, que sempre estarão em evidência no cenário educacional contemporâneo.

Embora a cortina de fumaça produzida pela extrema-direita deseje ofuscar os grupos minoritários na escola. Assim, a luta está travada contra a imposição de uma educação em moldes tradicionalistas, continuamos a luta para que nossa voz seja reverberada, para esclarecer equívocos e construir oportunidades almejando novos percursos educativos, para que a escola palco da diversidade humana caminhe, livre, democrática e laica.

Considerações Finais

Neste cenário, observa-se que os discursos proferidos publicamente pelo ex-presidente Bolsonaro em suas aparições pelo Brasil, se contrapôs à Constituição que prima pela Democracia e o Estado de Direito. Ao se debruçar sobre temáticas emergentes de forma apática, em seu governo, o ex-Presidente demonstrou desapego às discussões humanas, ao respeito às liberdades individuais, visando apenas o engajamento de seus seguidores.

É necessário destacar o impacto desses discursos para as mulheres e comunidade LGBTQIA+, tendo em vista o fator de intensificação do preconceito existente, sabendo que o Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídio no mundo¹⁰, e também é o país que mais mata pessoas Trans e Travestis no mundo¹¹. Isto posto, tais discursos não deveriam ter sido parte dos pronunciamentos de alguém que deteve a liderança de um país, ao contrário, o poder que emanava de seu discurso deveria ter contribuído para o Brasil ter se tornado uma nação mais acolhedora e inclusiva.

A linguagem é o percurso da vida, mas quando utilizada de maneira errônea instala as dissensões, e aquele quem a população elegeu deveria utilizar o diálogo para promover a pacificação e o entendimento sobre a diversidade que compõe o país. Reafirmamos que as mulheres, são os alicerces na nossa sociedade

¹⁰ CÂMARA DOS DEPUTADOS. *Brasil tem a quinta maior taxa de feminicídio no mundo* [online]. TV Câmara, 14 mar. 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/tv/553531-brasil-tem-a-quinta-maior-taxa-de-feminicidio-no-mundo/>. Acesso em: 15 out, 2025.

¹¹ ONU Brasil – As Nações Unidas no Brasil. *Brasil é o país que mais mata travestis e pessoas trans no mundo, alerta relatório da sociedade civil entregue ao UNFPA*. 03 fev. 2021. Disponível em: <https://brasil.un.org/pt-br/110425-brasil-é-o-país-que-mais-mata-travestis-e-pessoas-trans-no-mundo-alerta-relatório-da> Acesso em 15 out, 2025.

e no mundo, não podendo jamais serem alvos de misoginia. Ademais, a comunidade LGBTQIA+ é parte da nação e através destas muitas conquistas em vários campos sociais, profissionais entre outros já foram alcançados, não devendo serem desconsiderados ou alvos de homofobia.

A história fará a narrativa que ficará na memória dos brasileiros e do mundo a nossa volta, e através dos tempos será discutida e apresentada, não só neste estudo, mas, em muitos outros que objetivaram analisar o poder do discurso. A educação mesmo sendo alvo do neoliberalismo que busca a todo custo transformar a escola em um modelo empresarial, desconsiderando o trabalho social que a mesma tem por incumbência, caminhará resistente visando cada vez mais um espaço social e diversificado, no qual a ciência possa reger o percurso e ser a guia em meio a fumaça negacionista que tenta a todo custo asfixiar o processo educacional laico.

Conclui-se, portanto, que o conservadorismo religioso atrelado ao machismo patriarcal, contribui de maneira consistente para propagação da ideia de homem como ser superior em detrimento das mulheres e pessoas com outras identidades de gênero. O modo como o ex-Presidente produziu discursos misóginos e homofóbicos, que de certo modo agradou, infelizmente, a quem coaduna do mesmo pensamento que o seu, produziu marcas profundas de preconceito no âmbito social e subjetivo. Por meio de seu dialeto, angariou forças dos simpatizantes para dar continuidade ao seu mandato, reverberando, em sua atuação, discursos opressores que em nada auxiliaram na evolução da sociedade tanto do ponto de vista, social quanto humano.

Esperemos de modo tal, que tais falas e representações não sejam repetidas. Antes, esses discursos sejam repensados e excluídos, concedendo lugar a falas de acolhimento e respeito, visando assim uma sociedade cada vez mais justa e democrática. Ainda caberá, a nós docentes/educadores, a missão de promover no universo das escolas e universidades, bem como nas relações sociais como um todo, a reformulação das políticas públicas em Educação que atendam aos sujeitos, em suas expressões e necessidades.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005.
- BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2019.
- BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.
- COMÊNIO, João Amós. **Didática Magna**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.
- EMPOLI, Giuliano da. **Os engenheiros do caos**: como as *fakes news*, as teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições. São Paulo: Vestígio, 2019.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

FLICK, U. **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre, RS: Bookman, 2004.

GUIMARÃES ROSA, João. **Primeiras estórias**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 18-34, 2005.

PONDÉ, Luiz Felipe. **O catolicismo hoje**. São Paulo: Benvirá, 2011.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **O poder do macho**. São Paulo: Moderna, 1987.

SANTOS, M. G. Simone de Beauvoir: “Não se nasce mulher, torna-se mulher”. **Sapere Aude**, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 108-122, 2011. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/2081>. Acesso em: [09/01/2026].

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 35-82.